

III CONGRESSO INTERNACIONAL FERNANDO PESSOA
Teatro aberto, 28 a 30.novembro.2013, Lisboa.

Comunicação de José Paulo Cavalcanti Filho

TEMA PROPOSTO PELO CONGRESSO:
O PERFEITO NÃO SE MANIFESTA

“O perfeito não se manifesta. Deus está calado.
O santo chora, e é Humano. Por isso podemos
amar o santo mas não podemos amar a Deus.”

Livro do Desassossego, Bernardo Soares.

SUMÁRIO: ⁽¹⁾

1. Introdução
2. Os heterônimos
3. Situações da vida
4. Os 5 personagens da Tabacaria são todos reais
5. Ophélia Queiroz
6. Quem é Pessoa? ⁽²⁾
7. Comunicação com os espíritos
8. Referência a terceiros
9. Preferências ao contrário
10. Pessoa também se inspira em versos de terceiros

¹ Não se trata propriamente de um texto pronto. Seguem fichas de apoio à Conferência, pronunciada de improviso.

² Em razão do tempo definido para as comunicações, os itens 6., 7., 8. e 9. não foram expostos na Conferência.

1. INTRODUÇÃO

Baudelaire, em um *Ensaio sobre a arte romântica*, dizia que “os atores da *Comédia Humana* são mais ativos na luta, mais atentos na desgraça, mais angelicais que no mundo real”. porque tudo em Balzac era ele mesmo. Como, no *Estrangeiro*, está Camus quase todo. Não só ele. Para Keats, *o poeta não tem identidade*. Para Walt Whitman (1819-1892), *dentro do homem há multidões*. Para Cocteau, *Victor Hugo era um louco que acreditava ser Victor Hugo*. Nietzsche disse *meu coração força-me a falar como se eu fosse dois*. Rimbaud, *eu é um outro*. Flaubert, *Madame Bovary* sou eu. São, todos, exemplos de um método. De um estilo. Em que pedaços do autor escapam na direção das obras. É mesmo comum, em escritores, que fatos de suas próprias vidas estejam nos textos. O poeta brasileiro Manuel Bandeira chegou inclusive a dizer que *só pode fazer viver uma personagem quando ela é de algum modo o próprio autor*. Ocorre que Pessoa foi além, conformando um caso único na literatura. Porque toda sua vida está na obra. Toda ela. Salvo textos críticos ou de circunstância, ali estão caminhos, admirações literárias, o misticismo, os amigos, nomes, lugares, ilusões, a angústia, o medo, o desespero, a liturgia do fracasso. Nesse sentido, pode-se dizer que os papéis que deixou são como um testamento, à espera de ser desvendado. Um roteiro seguro para compreender melhor quem era esse “desconhecido de si próprio”. Como ele mesmo confessou, já perto do fim:

*Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.*

*Qual porém é verdadeira
E qual errada ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar*

Sem título (18.09.1933) Fernando Pessoa

Nesta comunicação, o propósito é dar exemplos que confirmem a tese. A ver:

2. OS HETERÔNIMOS

Alexander Search. Nasce no mesmo dia de Pessoa, 13 de junho de 1888.

Alberto Caeiro (da Silva). Nasce em 16.04, como Anatole France. E morre de tuberculose – como Antônio Nobre, Cesário Verde, José Duro, o pai de Pessoa, um irmão do pai, o primo Mário, a sobrinha Madalena. Com 26 anos, como Sá-Carneiro. Só para lembrar, além de Caeiro, morreram também apenas os heterônimos Abílio Quaresma, Antônio Mora e Vicente Guedes.

Ricardo (Sequeira) Reis. Nasce em 19.09, como Coleridge. Antes, essa data seria 29.01 – quando foi publicado, pela primeira vez, *O Corvo* (de Edgar A. Poe).

Álvaro de Campos. Nasce em 15.10, como Virgílio e Nietzsche – em todos os casos, sempre, datas de admirações literárias de Pessoa.

- Em Tavira, terra de seu avô paterno.
- É “tipo vagamente de judeu português”, evocando sua etnia.
- Visita *Newcastle-on-Tyne*, lembrando Eça de Queiroz – que lá foi cônsul, a partir de 1874.
- O nariz é igual ao do engenheiro Ernesto Campos Melo e Castro. Tratava-se de um sócia. E se Ernesto era Campos, então Álvaro é de Campos.
- Era “Engenheiro Naval”, como o genro de Tia Anica, Raul Soares da Costa (casado com Maria Madalena), que dormia em quarto contíguo ao de Pessoa, na Rua Passos Manoel.
- Vivia na “ampla sala de jantar das tias velhas”, evocando as tias-avós Maria Xavier Pinheiro e Rita Xavier Pinheiro da Cunha.
- Em “Opiário”, viaja pelo mediterrâneo, reproduzindo viagens que fez Pessoa em 1901 e 1905. Mas, diferentemente de Pessoa (que finda em Lisboa), Campos salta em Marselha – como Rimbaud, que voltou da África (onde foi comerciante de armas, escravos, peles, marfim e café) para morrer (aos 37 anos) na sua terra, Charlesville, sem uma perna, ao lado da irmã Isabelle.

Bernardo Soares. Perde a mãe quando tinha 1 ano. E o pai se mata quando tinha 3. Reproduzindo Pessoa, que perde o pai com 5 e a mãe com 7 – posto tê-lo trocado pelo segundo marido.

- Tem *cultura afrancesada*, como a que teve Pessoa em casa com sua mãe.
- Fuma cigarro barato.
- Era *empregado em comércio*, como Cesário Verde e o próprio Pessoa.
- Os personagens com que convive, no *Livro do Desassossego*, são todas pessoas reais. O caixeiro viajante Vieira e o moço de escritório António trabalhavam na Casa Moitinho – no *Livro*, a Casa Vasques & Cia. Os demais – o Guarda livros Moreira, Sérgio que faz remessas e o caixeiro viajante Souza – provavelmente trabalhavam na Palhares, Almeida e Silva Ltd, da Rua dos Fanqueiros, 44 1º andar – sem que tenha sido possível confirmar isso, posto não mais haver registros da firma na Conservatória.

3. SITUAÇÕES DE VIDA

Lembranças da infância:

*No tempo em que festejava o dia dos meus anos
Eu era feliz e ninguém estava morto.*

“Aniversário”, Álvaro de Campos

Esse aniversário foi o de seus 5 anos, em 13.06.1893. O pai morre um mês depois, em 13.07. A data do poema, 15.10.1929, é falsa – como explica Pessoa em carta a Gaspar Simões, de 04.07.1930. E assim tem que ser porque 15.10 era a data de nascimento que deu a Álvaro de Campos.

Doenças, sobretudo crises de gripe:

*Tenho uma grande constipação,
E toda a gente sabe como as grandes constipações
Alteram todo o sistema do universo,
(...)
Excusez un peu... Que grande constipação física!
Preciso de verdade é da aspirina.*

Sem título (14.03.1931), Álvaro de Campos

Dificuldades com a família:

*Na família, ao conviver fácil
Nas alegrias banais do viver,
(...)
Eu, o eternamente excluído
Ai de mim! E ninguém que compreenda
Esse desejo das coisas que transcendem.*

“In the street” (na rua), Alexander Search

No tempo em que trabalhava na Empresa Nacional de Publicidade, dirigida pelo amigo Manuel Martins da Hora, Pessoa escreveu:

*Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,
Ao luar e ao sonho, na estrada deserta,
...
Na estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra,
Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim ...*

Sem título (11.05.1928), Álvaro de Campos

O curioso, nesse poema, é que provavelmente se trata do primeiro caso de *merchandising* em poesia. Porque a Empresa Nacional de Publicidade era controlada pela General Motors – proprietária da marca Chevrolet.

- **O fascínio por Madge Anderson**, irmã de uma cunhada de Pessoa, Eillen, casada com John Rosa:

*A rapariga inglesa, tão loura, tão jovem, tão boa
Que queria casar comigo...
Que pena eu não ter casado com ela
Teria sido feliz.
Mas como é que eu sei se teria sido feliz?*

Sem título (29.06.1930), Fernando Pessoa

- **O gosto pelo cigarro:**

*Sigo o fumo como uma rota própria.
(...)
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.*

“Tabacaria”, Álvaro de Campos

- **O gosto pela bebida:**

*O bêbado caía de bêbado
E eu, que passava,
Não o ajudei, pois caía de bêbado,
E eu só passava.
O bêbado caiu de bêbado
No meio da rua.
E eu não me voltei, mas ouvi. Eu bêbado
E a sua queda na rua.
O bêbado caiu de bêbado
Na rua da vida.
Meu Deus! Eu também caí de bêbado
Deus.*

Sem título (sem data), Fernando Pessoa

E era tanto esse gosto que chegou a ter *delirium tremens*. Tudo bem descritos em poema que escreveu, em inglês:

*Na realidade outro dia,
Batendo o meu sapato na parede
Matei uma centopeia
Que lá não estava de forma alguma.
Como é que pode?
É muito simples, como vê*

*Só o início do D.T.
Quando o jacaré cor-de-rosa
E o tigre sem cabeça
Começam a crescer
E exigir serem alimentados
Como não tenho sapatos
Para os matar
Penso que devo começar a pensar
Será que eu deveria parar de beber?*

*Quando as centopéias vierem
Sem problema
Posso vê-las bem
Até duplicadas
Mando-as para casa
Com meu sapato
E, quando todas forem para o inferno,
Irei também.*

*Então, como um todo
estarei verdadeiramente feliz
Porque com um sapato Real e verdadeiro
Matarei a verdadeira centopéia
Minha perdida alma...*

“DT”, Fernando Pessoa

- **O medo da loucura**, que espalha por seus *personagens*.
 - **Alexander Search** vive a vida temendo enlouquecer, e usa frequentemente a expressão “*soul hell*” (inferno da alma). Nos anos 1906-1908, escreve “Pedaços de loucura”; e planeja reunir escritos em prosa sob o título *Documentos sobre a decadência mental*.
 - **Antônio Mora** é um internado na Casa de Saúde de Cascais.
 - **Barão de Teive** Pessoa conhece em clínica psiquiátrica de Lisboa
 - **David Merick** escreve *Contos de um doido*.
 - **Diniz da Silva** começa poema confessando “sou louco”.
 - **Abílio Quaresma** compara “bebedeira com a loucura”.
 - **Marvell Kisch** *Os milhões de um doido*.
 - **Friar Maurice** é louco, embora nunca o tenha confessado.
 - **De Frederick Wyatt** diz Pessoa que “mais lhe valia ser doido”.

Tudo como bem expresso nesses versos:

*Esta velha angústia,
Esta angústia que trago há séculos em mim,
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.
Transbordou.
Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregar na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar entre.
Este quase,
Este poder ser que...
Isto.*

Sem título (16.06.1934), Álvaro de Campos

Ou, mais:

*Um internado num manicômio é, ao menos, alguém,
Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.
Estou doido a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim...*

Sem título (16.06.1934), Álvaro de Campos

4. OS 5 PERSONAGENS DA TABACARIA SÃO TODOS REAIS

- São cinco. **O primeiro personagem** está nesses versos:

*(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates...).*

Tratava-se, como ela mesma me confessou, de sua sobrinha Manuela Nogueira:

- **Os dois seguintes** estão nesses versos, entre parênteses:

*(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
Talvez fosse feliz).*

Provavelmente não por acaso o Barão de Teive, na *Educação de Estoico* (de 1928, como a *Tabacaria*), escreve: “Tive um dia a ocasião de casar, porventura ser feliz com uma rapariga muito simples mas entre mim e ela ergueram-se-me na indecisão da alma 14 gerações de barões”. Uma descrição mais próxima da filha de uma lavadeira que de Ophélia Queiroz. A lavadeira era Irene; e, sua filha, Guiomar. O que explica curioso episódio, quando o amigo Thomas D’Almeida pede a Pessoa que registre sua filha, indicando, como nome que deveria ter, Múcia Leonor. Tendo sido ela registrada, pelo poeta, como Múcia Guiomar D’Almeida – mesmo nome dessa tardia Guiomar que quase mudou sua vida.

- **Os dois últimos** personagens, nesses versos:

*O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o; é o Estêves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à Porta)
Como por um instinto divino o Estêves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Estêves!...*

No *Desassossego* (fragmento 481), temos a descrição física dos dois, quando Bernardo Soares relata encontro entre “O dono pálido da Tabacaria” e “um velhote redondo e corado, de charuto, à porta da Tabacaria”. Essa Tabacaria era a Havaneza dos

Retrozeiros, na Rua dos Ratozeiros 63/65, esquina com a Rua da Prata (onde hoje está a Pelaria Pampas). Longe das “janelas do meu quarto”, que na verdade eram as de sua “mansarda”, na Casa Moitinho. O “dono pálido” é seu proprietário, Manuel Alves Rodrigues. O mesmo que está em poema sem título de 1930:

*Cruz na porta da Tabacaria
Quem Morreu? O próprio Alves?*

O velhote “redondo e corado” era Joaquim Esteves, vizinho que morava na Rua Saraiva de Carvalho 200. “Sem metafísica” e declarante do *Assentamento de Óbito de Pessoa* – nº 1.609, hoje na 7ª Conservatória.

5. OPHÉLIA QUEIROZ

Com Ophélia, os versos dizem melhor o que sentia. Sobretudo porque a carta com que Pessoa deveria se despedir dignamente dela nunca foi escrita. Assim, escreveu:

*Basta: aquele sonho que lhe mantinha viva acabou.
Agora estou findo e você também.
Como, rio do meu sonho, sobreviver
À nascente seca que dava à sua correnteza a corrente?*

*Você era o invólucro do meu desejo
O menor de você era a sua realidade
O mísero corpo apenas escondia
Seu uso adequado era o de ser desejado por mim.*

*Agora está morta, a não ser que mais um sonhador
Ressuscite vosso ser para um uso
E com uma nova vida diferente preencher
A mera beleza que não teve a ousadia de escolher.
A realidade nada mais é que o lugar onde
Projetamos as sombras das coisas que estão junto de nós.*

“Farewell” (Adeus), Alexandre Search

Em uma carta, Ophélia (20.03.1920) lhe diz: *Quando passar de carro para Benfica (onde morava então Pessoa, na Avenida Gomes Pereira), olha sempre pra janela sim? (caso possa é claro) porque às vezes posso estar à janela e eu quando estou à janela olho sempre para os carros do Benfica e alguma vez pode ser que te veja...* Pessoa responde (em 18.08.1920). E depois escreveu: Vou passar agora pelo Largo Camões: oxalá te veja à janela da casa de tua irmã.

*Amei outrora a Rainha
E há sempre na alma minha
Um trono por preencher
Sempre que posso sonhar
Sempre que não vejo, ponho
O trono nesse lugar;
Além da cortina é o lar,
Além de janela o sonho.*

Sem título (natal de 1930), Fernando Pessoa

E alguém duvida que foi pensando nessas cartas que Ophélia lhe mandou, mas sobretudo nas que escreveu para ela, que, um mês antes de morrer, pediu ao Álvaro de Campos que escrevesse:

*Tosas as cartas de amor são ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas.*

Sem título (21.10.1935) Álvaro de Campos

6. QUEM É PESSOA?

Essa angustia ele vai espalhando por seus *personagens*.

Em diálogo entre **Marino** e seu mestre **Vicenzo**, está: “Quem sou eu? Perguntas bem, mas não sei responder”.

Caeiro: *Nasço, vivo, morro por um destino em que não mando. Então, quem sou eu?*

Reis: *Quem sou e quem fui são sonhos diferentes.*

Campos: *Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?*

Search: *Who am I?*

Soares: *Não sei quem sou ou o que sou. O mesmo Soares que, no Livro do desassossego, ainda pergunta quantos sou?; e depois responde: Eu sou muitos. Mas entre muitos sou um, isolado, como a sepultura entre flores.*

Pessoa ele mesmo: *Sabes quem sou? Eu não sei. Eu não sei o que sou.*

7. COMUNICAÇÃO COM OS ESPÍRITOS

Os textos dos espíritos, que por sua mão escreveram, nem de longe sugerem preocupações próprias de verdadeiros espíritos. Sendo irrazoável imaginar que viessem *do assento etéreo* onde subiram para dizer frases como:

- O teu destino é demasiado elevado para eu o dizer.
- Estou a dizer a verdade. Nenhuma boca diz mentiras.
- Há dois fatos a considerar, o que tu pensas e o que sei. Mistura os dois e faz aparecer a verdade.
- Verme. Basta! Verme brilhante.
- Agora vai trabalhar, imediatamente.
- Não deves continuar a manter a castidade.
- É uma rapariga ágil, magra, mas com um busto desenvolvido. Espera pelos lábios dela. Vão pôr-te louco. Ela é o vinho que tu precisas beber.

Como deixou escrito, em versos:

*De quem é o olhar
Que espreita por meus olhos?
Quando penso que vejo,
Quem continua vendo
Enquanto estou pensando?*

“Episódios/A múmia (III)”, Fernando Pessoa

8. REFERÊNCIAS A TERCEIROS

São muitas:

- Salazar tinha, como lema:

“Nada contra a Nação, tudo pela Nação”.

Pessoa, em “nota biográfica” de 30.03.1935, escreveu:

“Tudo pela humanidade, nada contra a Nação”.

- Camilo Pessanha diz, no primeiro verso de *Os barcos de flores*:

“Só, incessante, um som de flauta chora”.

Pessoa começa *À la manière de Camilo Pessanha*, dizendo:

“A tua flauta chora”.

- Pessoa também aproveita situações da história:

Dom Sebastião pergunta, ao Duque de Alba, se sabe “A cor do medo”.

Pessoa, em carta a Sá-Carneiro (14.03.1916), diz: “De que cor será o sentir?”.

- Em 27.09.1930, o suposto *suicídio* de Aleister Crowley, na *Boca do inferno*, é inspirado no suicídio pouco antes, em 04.01.1929, do poeta Guilherme de Faria.

Há também, fatos da vida real:

- Em Carta a Mário Beirão, 01.12.1913, diz Pessoa:
Você dificilmente imaginará que Rua do Arsenal, em matéria de movimento, tem sido a minha pobre cabeça.

Em *Tabacaria*, escreve:

“A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça”.

- Na *Tabacaria*, escreve: “Como os que evocam os espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada”.

Trata-se de situação real. Posto que, entre 1912 e 1914, Pessoa morava com Tia Anica (na Rua Passoa Manoel 24, 3º andar esquerdo). E usavam, ela e o sobrinho, essa prancheta, muito popular em fins do século XIX – em que um lápis escreve mensagens do além.

9. REFERÊNCIAS AO CONTRÁRIO

- O maior poeta brasileiro vivo, Ferreira Gular, escreveu um dia:

“A arte existe porque a vida não basta”:

E, depois, completou:

“E não é que descobriram que essa frase já tinha sido formulada por Fernando Pessoa. *A literatura, como arte, é uma confissão de que a vida não basta*”.

- Em *O guardador*, Canto X, Caeiro escreve:

*Que te diz o vento que passa?
Que é vento e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.*

O que talvez tenha sido impróprio para a *Trova do vento que passa* de Manuel Alegre:

*Pergunto ao vento que passa
Notícias do meu país
E o vento cala a desgraça
O vento nada me diz.*

*Mas há sempre uma candeia
Dentro da própria desgraça
Há sempre alguém que semeia
Canções no vento que passa.*

*Mesmo na noite mais triste
Em tempo de servidão
Há sempre alguém que resiste
Há sempre alguém que diz não.*

10. PESSOA TAMBÉM SE INSPIRA EM VERSOS DE TERCEIROS

Não se trata de cópia, logo se diga. Ou de plágio. Longe disso. É só algo comum, na literatura. Onde, o que se lê, depois se reproduz. Sem sentir. Entre outros assuntos, temos:

- Em *Cantigas*, 1898, de Antônio Correia de Oliveira:

*Ó ondas de mar salgado
Donde vos vem tanto sal?
Vem das lágrimas choradas
Nas praias de Portugal.*

Quase o mesmo de *Mensagem (Mar Português)*, de Pessoa:

*Ó mal salgado
Quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal.*

Em *Il Penseroso*, de Jonh Milton:

*Vem, Freira pensativa, devota e pura
...
Fluindo com uma cauda majestosa
E estola negra de crepe muito fino
Envolvendo ombros decentes.*

- Em *Dois excertos de Odes*, de Álvaro de Campos, está:

*Vem, noite, antigússima e idêntica
Noite Rainha nascida destronada
Noite igual por dentro do silêncio. Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de infinito.*

- Em *Os 2 gatos*, de Bocage:

*Abate, pois, esse orgulho
Intratável criatura
Não tens mais nobreza que eu
O que tens é mais ventura.*

Em poema, sem título (01.1912), de Pessoa:

*Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.*

- Em *A voz do silêncio*, que Pessoa traduziu, disse Helena Blavatsky:

“Que o discípulo mate o assassino”.

Em *Rules of Life*, Pessoa recomenda:

“9. Mate o assassino”.

- Em “Vida de D. Quixote e Sancho”, de 1905, disse Unamuno:

*Grande e terrível coisa é ser o herói o único capaz de ver a sua
heroicidade por dentro, nas suas próprias **entranhas**, e que
todos os outros não a vejam por fora nas suas **estranhas**.*

Talvez inspiração para o conhecido *slogan*, de Pessoa, para a Coca-Cola:

Primeiro estranha-se. Depois estranha-se.

- Pessoa encerra *Mensagem* dizendo:

*Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...*

É a Hora!

Valete, Fratres.

Mensagem (“Nevoeiro”), *Fernando Pessoa*

Um final de poema que lembra, na sua melancolia, o Canto X de *Os lusíadas*:

*Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente muda e endurecida.*

Nada contra, que Camões fez o mesmo no seu mais famoso poema:

Os Lusíadas começa dizendo:

As armas e os barões assinalados.
Quase reproduzindo *Virgílio*, no *Eneida*:

Canto as armas e o varão

Que reproduz *Homero*, no Canto I da *Iliada*:

Canta-me ó deusa do Peleio Aquiles.